

FOLHA DE S. PAULO

DESDE 1921



UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

FOLHA100: FALTAM 62 DIAS

SÁBADO, 19 DE DEZEMBRO DE 2020

ANO 100 * Nº 33.498 * R\$ 5,00

Embarque para o Brasil exigirá exame negativo

Brasileiros em viagem ao exterior terão de apresentar teste negativo para Covid-19 à companhia aérea na hora de embarcar de volta ao país. Estrangeiros em viagem para o Brasil estão submetidos à mesma regra, em vigor a partir de 30 de dezembro. Saúde B3

Confira quem pode ou não tomar a vacina contra o coronavírus B1

Governos Bolsonaro e Dória travam guerra também por seringas B2

Pandemia no Brasil

Brasil	Total	Ontem*	Varição**
Casos	7,2 mi	46,8 mil	10,3%
Óbitos	185,7 mil	748	31,5%



Dados das 20h de 18 dez
*Média móvel de 7 dias
**Em relação a 14 dias

Faltam máscaras, equipes e até salários nos estados

Ocupação de UTIs pelo país causa impacto na oferta de profissionais e insumos

Com altas taxas de ocupação nas UTIs para a Covid-19, estados enfrentam impacto em equipes e insumos nas redes de saúde. Há relatos de falta de máscaras, de respiradores e de medicamentos. Em número insuficiente, funcionários têm a jornada de trabalho estendida, e outros, salários atrasados.

No Rio, parte dos profissionais de saúde do município iniciaram dezembro sem ter recebido novembro, que só começou a ser pago no dia 10. Segundo o conselho regional de medicina, a escassez de insumos ainda é pontual. Já o sindicato diz que há temor com a quantidade de remédios para intubação.

Depois de meses de pandemia, há muitos afastamentos. Em Pernambuco, licenças sem reposição de pessoal comprometem o serviço.

O Cisam, do complexo hospitalar da UPE (Universidade de Pernambuco), suspendeu desde sexta-feira (11) atendimentos de casos não emergenciais e cirurgias eletivas.

A demanda crescente piora o problema. "Um pronto-socorro que necessitava de três médicos hoje tem que operar com o dobro. O mesmo acontece com os intensivistas, que tiveram que aumentar a carga horária", afirma Marcelo Santana, do sindicato dos médicos de Mato Grosso do Sul. Saúde B1

SEBASTIÃO SALGADO NA AMAZÔNIA



Sebastião Salgado

O RELEVO E OS RIOS VOADORES DO BIOMA CADA VEZ MAIS AMEAÇADO

Em imagem de 2019, um paranã (rio largo ou mar, em tupi-guarani) conecta o rio Negro e o rio Cuiuni nas cheias. A maior floresta tropical do mundo tem dimensões superlativas, como sugere seu nome retirado da mitologia grega, mas seus 5,5 milhões de km² estão cada vez mais ameaçados —em 2020, o desmatamento atingiu o nível mais alto dos últimos 12 anos Caderno Especial

Cármem manda PGR apurar suposta ajuda da Abin para Flávio A10

Blogueiro bolsonarista recebe ordem de prisão preventiva de Moraes A10

EDITORIAIS A2

Confusão sem fim
Sobre batalha da vacina e temeridades de Bolsonaro.

Assédio na Alesp

A respeito de ato vil de deputado estadual paulista.

ATMOSFERA



AUDIÊNCIA/MÊS
PÁGINAS VISTAS 224.661.655
VISITANTES ÚNICOS 37.058.915

ISSN 1414-5723
9 771414 572070

Folha 100 B5

Após décadas como químico e professor (e jornalista), seu Ary faz 100 hoje

Ambiente B7

Florestas de Minas passam a ser fonte de gás carbônico, aponta estudo

Ciência B7

Campanha busca repatriar fóssil de Ubarajara jubatus, novo dino brasileiro

Ilustrada C1

Morto há 30 anos, Rubem Braga levou ao túmulo a crônica clássica da imprensa



O centenário Ary Coelho da Silva, em casa Eco Moliterno

Guedes refuta 13º do Bolsa Família e contesta Bolsonaro

Paulo Guedes contradisse ontem Jair Bolsonaro ao afirmar que o governo é contra um 13º do Bolsa Família. Na quinta, o presidente dissera que não há parcela extra por causa do chefe da Câmara, Rodrigo Maia —que o chamou de mentiroso. Mercado A15 e A17

Fundeb foi usado para asfalto, praça e carros de luxo

Recursos públicos que poderiam melhorar a educação básica em municípios pobres foram usados para comprar picapes, reformar praças, perfurar poços, instalar postes e asfaltar ruas. Somam ao menos R\$277,3 milhões os desvios, diz o TCU. Cotidiano B4

Hélio Schwartsman A culpa é do brasileiro

Segundo o Datafolha, a primeira coisa que deve fechar para evitar contágio, na opinião dos brasileiros, são as escolas (66%). Até bares (55%) vêm antes da educação. Com prioridades assim não é um espanto que estejamos no ponto em que estamos. Opinião A2

Morre o assassino de Angela Diniz, Doca Street

Raul Fernando do Amaral Street, que deu quatro tiros na socialite em 1976, foi absolvido e depois condenado, cumprindo apenas três de cadeia, morreu aos 86 anos. O episódio é narrado em "Praia dos Ossos", um dos podcasts mais ouvidos do ano. Cotidiano B6

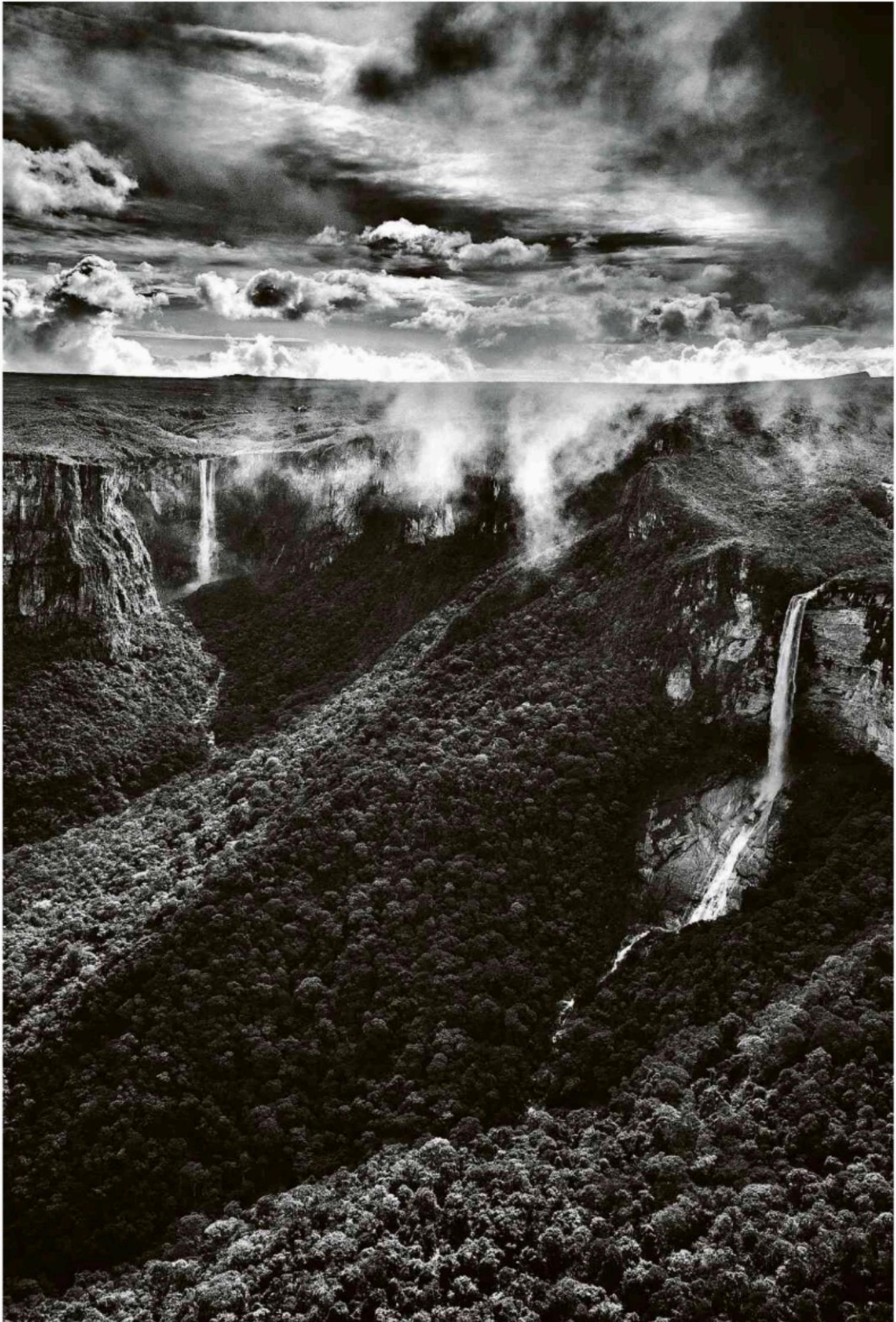
Oposição anuncia apoio a Maia em disputa na Câmara

Quase duas semanas após o STF vetar sua chance de reeleição, o presidente da Câmara, Rodrigo Maia, conseguiu atrair para seu bloco a oposição. Assim, por ora, tem um grupo maior que o do deputado Arthur Lira, candidato de Jair Bolsonaro. Poder A4

Comissão para analisar assédio tem só 1 mulher

O assédio denunciado pela deputada estadual Isa Penna (PSOL) contra o colega Fernando Cury, do Cidadania (a sigla o afastou), será avaliado por uma comissão na Assembleia com só uma mulher. Isa Penna criticou o silêncio de João Dória sobre o caso. Poder A6

SEBASTIÃO SALGADO NA AMAZÔNIA



Uma das mais antigas formações geológicas do planeta está na região das fronteiras do Brasil com a Venezuela, no Amazonas e em Roraima; os tepuis, em formato de meseta, têm solo impermeável às chuvas, o que leva a água a escoar pelas bordas, surgindo assim cachoeiras como a do El Dorado (ao fundo) e a do Desabamento (em 1º plano), no Parque Estadual Serra do Aracá

Amazônia Esplêndida

A maior floresta tropical do mundo apresenta dimensões e encantos superlativos, mas seus 5,5 milhões de km² estão cada vez mais ameaçados de destruição pela ação humana —em 2020, o desmatamento atingiu o nível mais alto dos últimos 12 anos; nas imagens deste especial, o principal fotógrafo da atualidade revela as belezas do relevo e dos rios voadores do bioma que ocupa metade do território brasileiro

Sebastião Salgado na Amazônia



‘Rios voadores’ levam chuvas da Amazônia para o sul do Brasil

Leão Serva

AUARIS (RO) São chamados “rios voadores” os ventos oriundos do oceano Atlântico e do Caribe, carregados de umidade, que passam sobre Roraima e cruzam a Amazônia em direção ao sudoeste. Ali, esses ventos se chocam com a Cordilheira dos

Andes, mais alta, fazem uma curva e vão banhar de chuvas a região sudeste da América do Sul (Argentina, Uruguai, Paraguai e os estados do sul do Brasil).

O fenômeno identificado pelos cientistas brasileiros José Marengo e Antônio Donato Nobre, entre 2006 e 2010, explica as chuvas das regiões meridionais da América do Sul, em latitudes onde, em outros continentes, apresenta terras desérticas. E também permite entender por que as secas da Amazônia prenunciam estiagens naquelas áreas: quando falta umidade na floresta da região norte, como ocorreu em 2020, os ventos carregam menos umidade para o sul e o sudeste.

Nesta vista aérea do rio Jutai, pode-se observar o vapor que transpira da floresta após a chuva; correndo por uma região de planície, o rio serpenteia traçando curvas pela floresta no sul do Amazonas

Sebastião Salgado na Amazônia



Nuvens escuras cobrem a região do rio Auaris, na Reserva Florestal Parima, na Terra Indígena Ianomâmi em Roraima; o vapor que sobe, ainda junto às copas das árvores, é resultado de chuvas anteriores, revelando o ciclo permanente de movimento das águas



Monte Roraima, coberto de nuvens escuras, é visto da comunidade de Maturuca, a maior entre as vilas localizadas na área da serra da Terra Indígena Raposa Serra do Sol



A chuva intensa que cai sobre área de floresta, na Terra Indígena Kampa do Rio Amônia, parece até o cogumelo de uma bomba atômica; Kampa é nome pelo qual os índios Ashaninka eram chamados no passado, quando a sua reserva foi estabelecida, em 1992

Sebastião Salgado na Amazônia

Amazônia é a representação de floresta para todos

Ao longo da última década, Sebastião Salgado registrou o maior bioma do país em imagens que servem de alerta à sua destruição

Leão Serva

AUARIS (RO) A Amazônia é grandiosa, admirável, esplêndida, com dimensões sobre-humanas. Nela, qualquer coisa está a perder de vista: são 5,5 milhões de km², mais do que toda a União Europeia; No Brasil, ocupa quase metade de seu território.

O rio Amazonas é o maior do planeta em extensão, com pouco menos de 7 mil km, e em volume de água. Em um mundo onde as selvas vêm sendo reduzidas nos últimos séculos, a Amazônia sobrevive como a maior floresta do mundo.

No Brasil, após 50 anos de destruição progressiva e constante, cerca de 20% da vegetação desapareceram; outros 10% estão degradados (em um estágio em que o ecossistema costumava se recuperar, mas que a atividade humana hoje leva a seu desaparecimento) e 70%, resistem. É um momento perigoso, como alerta o climatologista Carlos Nobre, principal referência em estudos sobre a região.

Hoje, a época de seca se estende em três a quatro semanas e a média de temperatura subiu 4° C. Caminhos para a falência do sistema amazônico, caracterizado por uma floresta que distribui chuvas para grande parte do continente. Esse sistema é também responsável pela umidade e resfriamento de uma região tropical que, em outros continentes, é ocupada por desertos. É a Amazônia que impede que áreas como São Paulo, Paraná e Santa Catarina sejam desertos como suas correspondentes em outros continentes.

Cerca de 60% da chamada bacia amazônica, em que todas as águas confluem com o rio Amazonas, é ocupada por uma imensa planície. Ao vê-la, um dos maiores escritores da literatura brasileira, Euclides da Cunha, sentiu uma "profunda melancolia" diante da "terra amplíssima, maravilhosa" em que "falta a linha vertical", como escreveu em 1906.

Mais de um século após a descrição de Euclides da Cunha, as fotos de Sebastião Salgado revelam outra Amazônia com relevos tão impressionantes quanto a imensidão da planície, com as montanhas mais altas do país, a "linha vertical" que o autor de "Os Sertões" não conheceu.

A Amazônia tem tanta água nos céus quanto nos rios que cruzam o território. São um furo jornalístico as imagens que Sebastião Salgado produziu mostrando com nitidez os chamados "rios voadores", fenômeno que a ciência brasileira vem estudando nas últimas décadas.

Esses "rios" transportam uma enorme quantidade de água do Atlântico para o continente em um corredor de ventos que atravessa as Guianas e a região norte do Brasil. Quando sobre terra firme, eles banham a floresta ao mesmo tempo em que se alimentam da "evapotranspiração" gerada pelas quase 600 bilhões de árvores da Amazônia.

Árvores com copas de 10 a 20 metros de diâmetro "suam" entre 300 e 1.000 litros de água por dia que são levados pelos ventos a uma altura entre 2 e 4 mil metros.

O curso desses ventos alísios segue desde o norte até chocar-se com a Cordilheira dos Andes. Ali, em um movimento circular, vão em direção ao norte da Argentina, ao Uruguai e ao sul e sudeste brasileiros. A quantidade de água em movimento é avaliada em cerca de 20 bilhões de litros. Após nove reportagens fotogrâ-

ficas publicadas na Folha desde dezembro de 2017 sobre a vida e a cultura de povos indígenas que habitam o continente verde, a série Sebastião Salgado na Amazônia dedica este décimo caderno à Amazônia física. O mais importante fotógrafo da atualidade revela seus registros da floresta com suas matas de igapó cobertas de água até o tronco das árvores, as mais altas montanhas do país, a imensa planície e seus "rios voadores".

O projeto "Amazônia" dá sequência às reportagens fotográficas que Salgado produz desde os anos 1980, como "Trabalhadores" e "Êxodos".

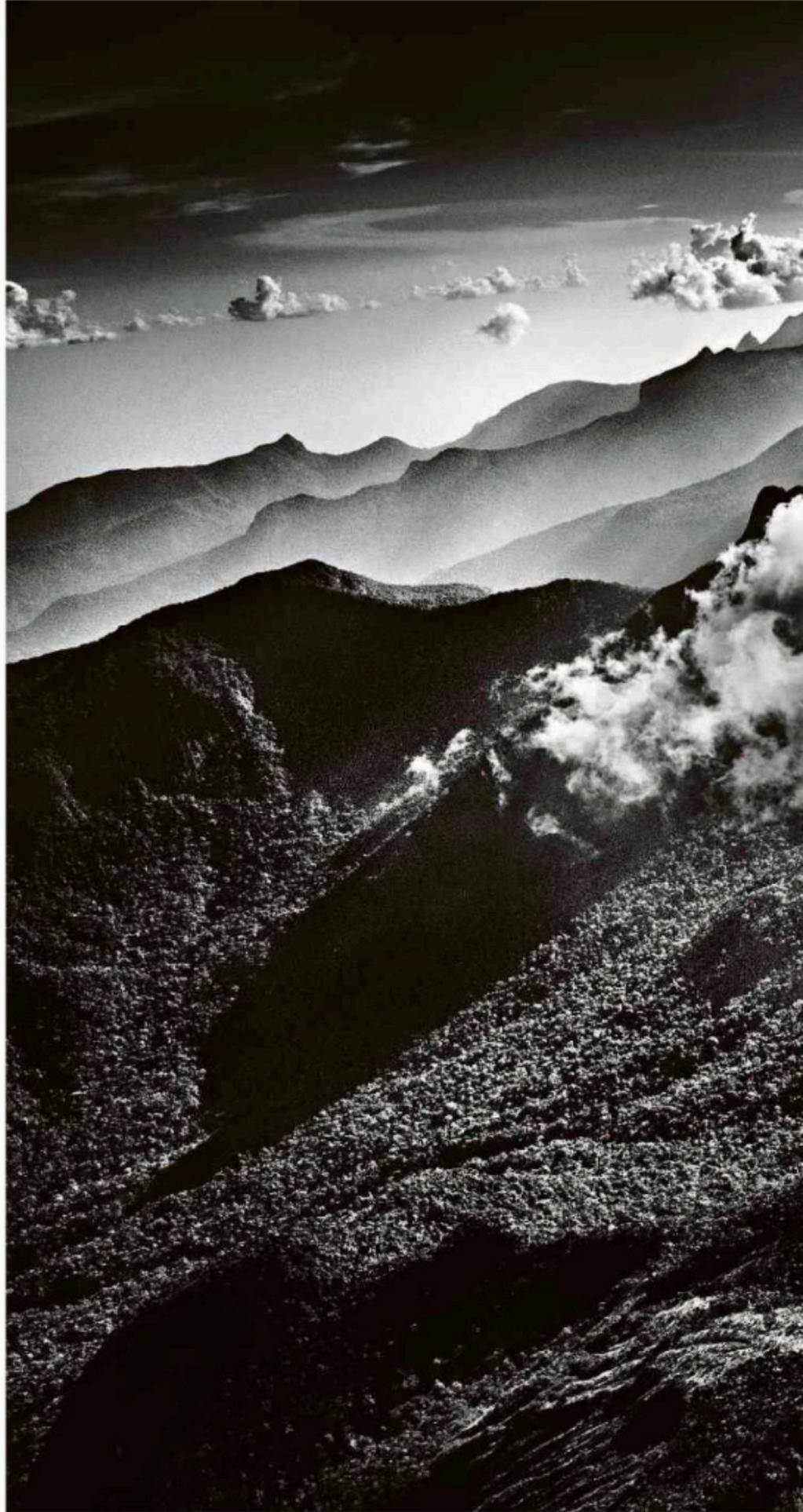
O trabalho de documentação da região realizado desde 2013 pelo fotógrafo radicado em Paris será reunido em livro e exposição em 2021.

Essas imagens rodarão o Brasil e o mundo, servindo de alerta para o risco de destruição do maior bioma do país, ameaçado pela ação sistemática de agentes econômicos, principalmente ilegais, e pela omissão do Estado.

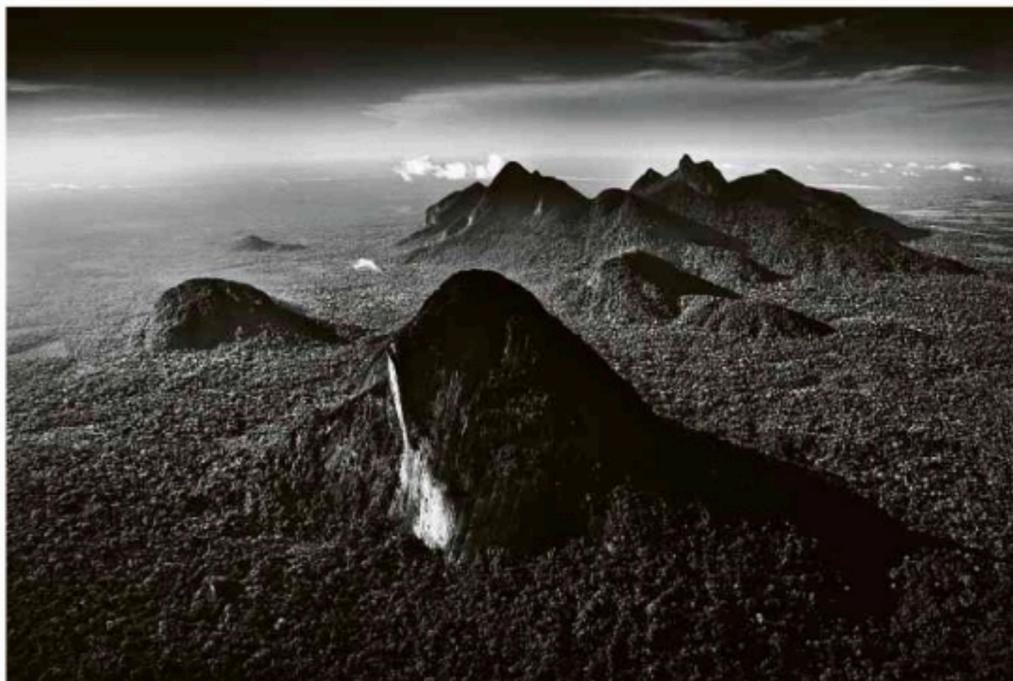
A exposição será inaugurada em 6 de abril no museu da sede da Filarmônica de Paris, na Cidade da Música, e, em junho, segue para o Maxxi de Roma. No dia 22 de julho, a mostra chega a São Paulo, no Sesc Pompeia, e, em 9 de agosto, ao Museu do Amanhã, no Rio. E, em outubro, será a vez de Londres conferir as imagens no Museu da Ciência.

A **Folha** acompanhou as expedições do fotógrafo para a série "Sebastião Salgado na Amazônia", que mostrou o garimpo de Serra Pelada e os indígenas **Korubo, Ashaninka, Suruwahá, Yawanawá, Marubo, Ianomâmi, do Xingu e Zo'é**.

CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DE SEBASTIÃO SALGADO NA AMAZÔNIA
FOLHA.COM/SALGADO



Os raios de sol passam pelas nuvens escuras que prenunciam a chegada da chuva na Serra do Marauíá, na Terra Indígena Ianomâmi, no Amazonas



Vista da cidade de São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas, a Serra Curicuriari (chamada de 'Bela Adormecida') parece ilha que brota de um mar verde de floresta plana por todos os lados



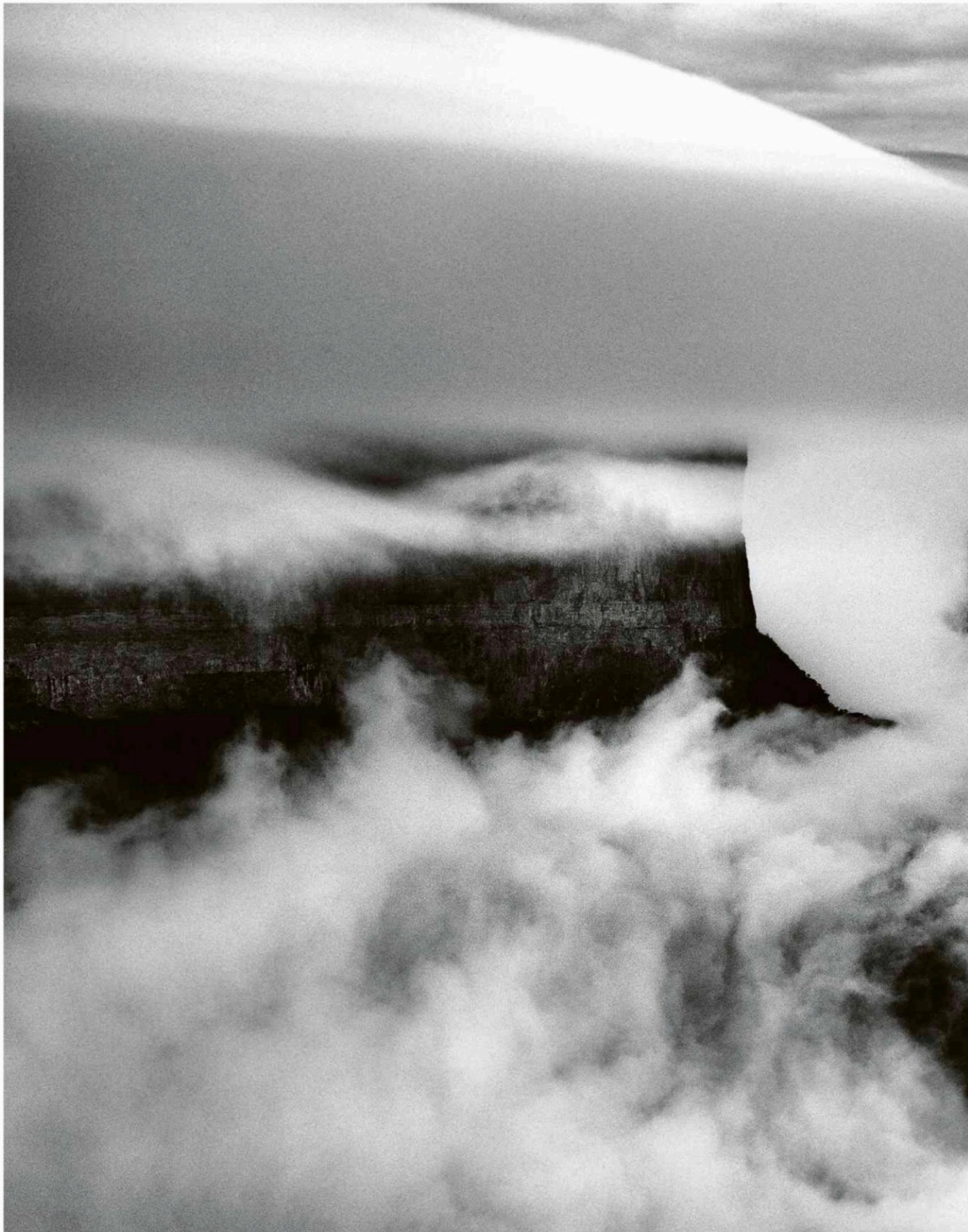
Montanha mais alta do Brasil, o Pico da Neblina se projeta acima das elevações da Serra do Imeri, na Terra Indígena Ianomâmi, no Amazonas

Sebastião Salgado na Amazônia



Cachoeira do Rio Cotingo, em área de florestas na Terra Indígena Raposa Serra do Sol, em Roraima; ao fundo, o monte Roraima, associado ao herói Makunaima, da mitologia dos índios Macuxi, que inspirou o clássico romance 'Macunaima', de Mário de Andrade

Sebastião Salgado na Amazônia



Desmatamento ilegal acha novos métodos e alcança recordes

Leão Serva

SÃO PAULO No momento em que você lê este texto, quando a Amazônia está em período de chuvas, grileiros e ocupantes ilegais estão cortando áreas de floresta para escapar ao monitoramento dos satélites oficiais.

Antes, o desmatamento parava na época chuvosa e voltava na seca. Recentemente, esse ciclo se alterou: a invasão de terras públicas ocorre no final do ano, quando as nuvens cobrem a região e impedem o monitoramento por satélites. Escondi-

dos sob as nuvens, grileiros de terras públicas cortam vastas áreas de florestas e as deixam ali até pôr fogo no período de secas que começa em março. A vegetação cortada há meses servirá em 2021 de combustível para grandes incêndios travestidos de acidentais.

O ciclo, que constatei ao final de 2018 na região de Lábrea (sul do Amazonas), é apontado pelo climatologista Carlos Nobre como uma nova estratégia da destruição de áreas de ocupação recente. Esse corte fora de época ajuda a explicar o aumento

do desmatamento nos últimos dois anos, batendo recordes seguidos.

Dados mais recentes do Prodes (Projeto de Monitoramento do Desmatamento na Amazônia Legal por Satélite), do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), mostram que, entre agosto do ano passado e julho de 2020, foram derrubados 11 mil km² da floresta —9,5% a mais que 2019, até então o maior índice da década.

O bioma, que ocupa metade do território brasileiro (49,29%), já perdeu 17% de seu território desde os anos 1970. O desmatamento na floresta vem aumentando desde o governo Dilma Rousseff (2011-2016), após uma redução nos anos Lula (2003-2010). Hoje, a degradação se aproxima do “ponto de não retorno”, calculado em torno de 25% da área original, diz Nobre.

Ao território já perdido é preciso

acrescentar cerca de 10% de áreas degradadas que antigamente o ecossistema dava conta de regenerar, mas que, nos últimos anos, avança para a destruição completa. Por isso, a falência do sistema amazônico pode estar bem mais próxima do que previam estudiosos anos atrás.

Os mapas na página ao lado, produzidos pelo ISA (Instituto Socioambiental), destacam a estimativa oficial de desmatamento em 2020.

O 1º mostra a cobertura vegetal da Amazônia Legal considerando as classes de floresta, água, hidrografia e não floresta (em preto) existentes até 2019. É um mapa de referência que contém a estimativa do desmatamento de 2020 considerada pelo Inpe (em amarelo) apontando onde está ocorrendo este desmatamento. Essa estimativa é parcial, pois considera somente uma avaliação de 102 imagens produzidas pelo

satélite Landsat (menos da metade de um total de 229 produzidas pelo sistema).

O mapa 2 inclui as Terras Indígenas (TIs) e as Unidades de Conservação (UCs) e apresenta a estimativa de destruição em 2020 (em amarelo) sobre essas regiões. O levantamento mostra como o desmatamento ocorre com maior impacto fora das áreas protegidas, ainda que os controles oficiais dessas áreas tenham sido desmantelados pelo governo federal nos últimos anos.

Carlos Nobre destaca o fato de que 90% do desmatamento é ilegal, com 40% ocorrendo em terras públicas invadidas —em territórios que pertencem à União e nas áreas de proteção como Terras Indígenas e Unidades de Conservação; outra parte se dá em propriedades privadas cujos donos queimam as áreas de proteção permanentemente previstas em lei.

Sebastião Salgado na Amazônia



EIS UM RIO VOADOR

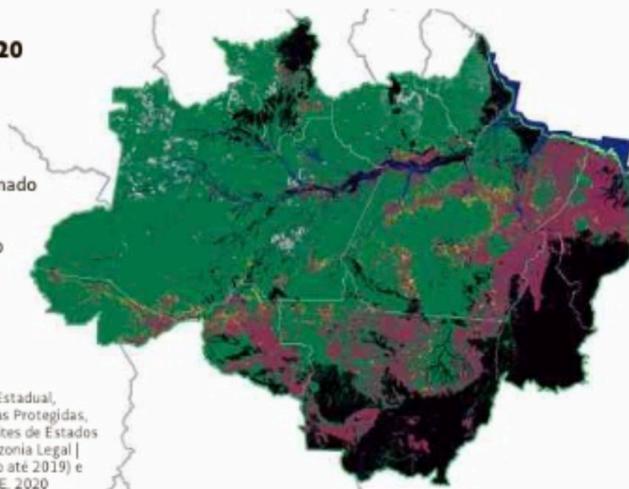
Ventos do Atlântico e do Caribe, ao norte da América do Sul, entram no continente e passam sobre Roraima em direção ao centro da Amazônia, fluindo em grande velocidade acima das montanhas mais altas do país, como o monte Roraima (na foto, encoberto por nuvens), captando mais água que evapora da floresta; após cruzarem a Amazônia no sentido norte-oeste, os ventos se chocam com a Cordilheira dos Andes e fazem uma curva em direção ao Sul e Sudeste do Brasil, onde irrigam as terras da região do norte da Argentina e do Paraná até São Paulo, entre setembro e março

Estimativa de desmatamento em 2020

■ Desmatamento 2020 estimado

Prodes, 2019

- Desmatamento acumulado
- Floresta
- Hidrografia
- Não floresta
- Nuvem



Unidades de Conservação Federal e Estadual, Programa de Monitoramento de Áreas Protegidas, Instituto Socioambiental, 2020 | Limites de Estados e Países, IBGE, 2017 | Limite da Amazonia Legal | Dados acumulado prodes (acumulado até 2019) e estimativa desmatamento 2020, INPE, 2020

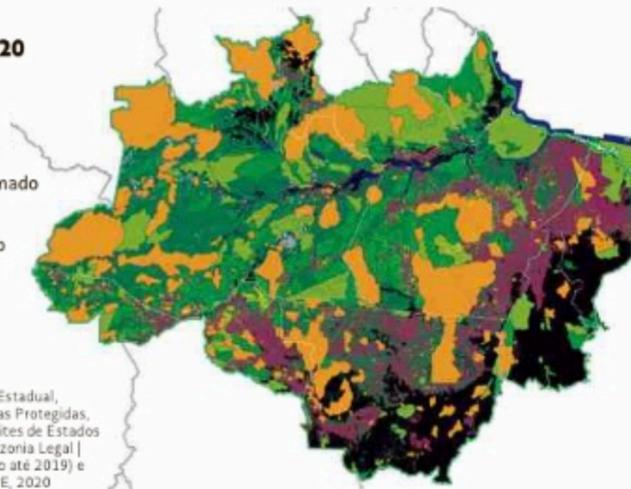
Estimativa de desmatamento em 2020

- TIs
- UCs Federais
- Ucs Estaduais

■ Desmatamento 2020 estimado

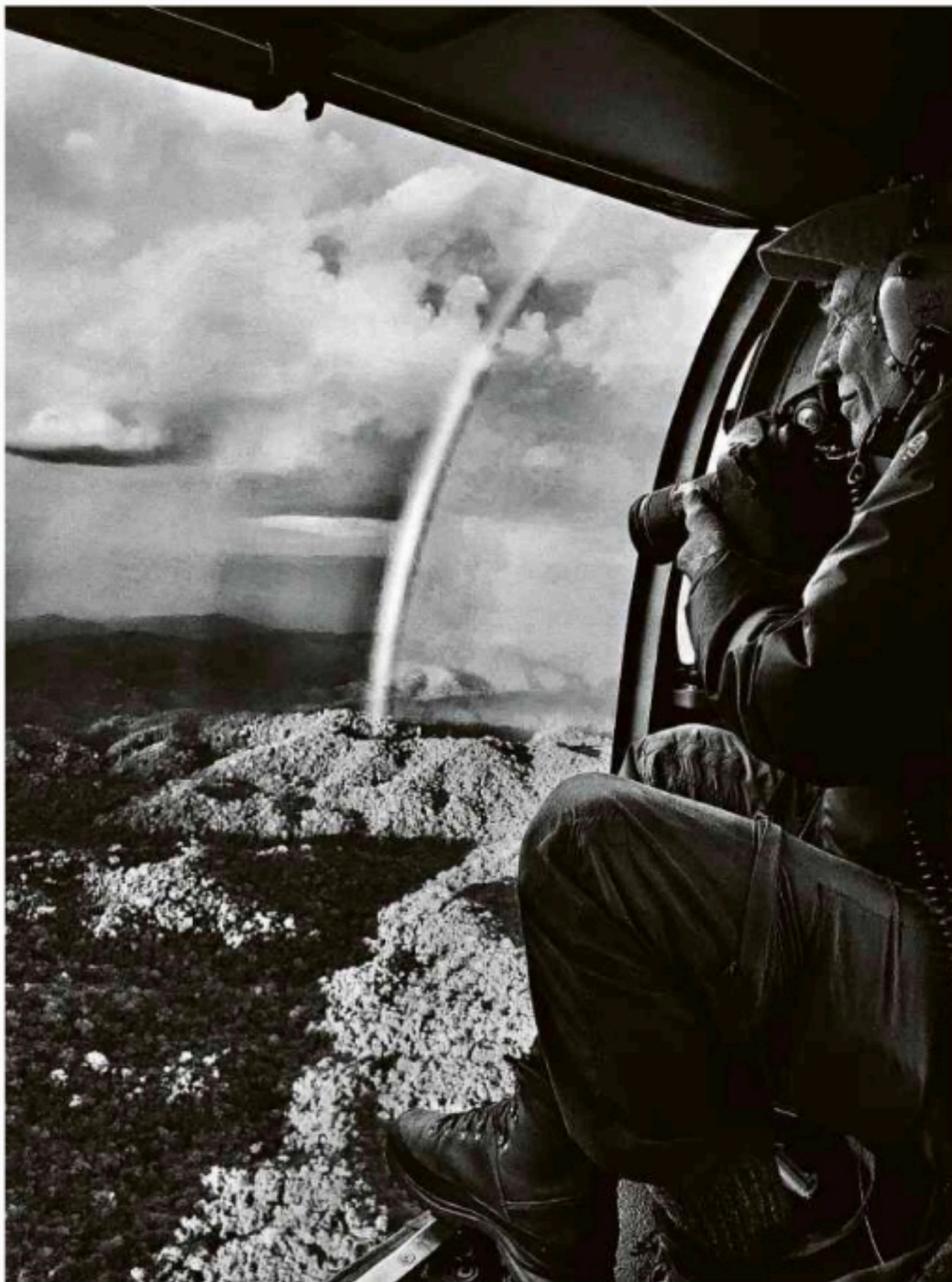
Prodes, 2019

- Desmatamento acumulado
- Floresta
- Hidrografia
- Não floresta
- Nuvem



Unidades de Conservação Federal e Estadual, Programa de Monitoramento de Áreas Protegidas, Instituto Socioambiental, 2020 | Limites de Estados e Países, IBGE, 2017 | Limite da Amazonia Legal | Dados acumulado prodes (acumulado até 2019) e estimativa desmatamento 2020, INPE, 2020

Sebastião Salgado na Amazônia



O fotógrafo Sebastião Salgado sobe de helicóptero a floresta amazônica na região de Auaris, em Roraima, em outubro de 2018
Felipe Reichert



Sebastião Salgado

A Funai está no purgatório, mas vai resistir a Bolsonaro

Documentarista mineiro fala sobre o projeto 'Amazônia' e afirma que registros com o celular são linguagem de comunicação, não fotografia

Naief Haddad e Thea Severino

SÃO PAULO Radicados em Paris desde 1973, o Sebastião Salgado e sua mulher, a diretora artística e designer Lélia Wanick Salgado, decidiram montar uma nova casa, em São Paulo, para ficar mais perto da família e da primeira neta, Nara, que tem 3 anos. "Tô com 76 anos, a Lelinha, 74. Falei: Vamos ficar perto dos nossos, ver essa menininha crescer. É só isso que conta na vida. O resto passa", diz o fotógrafo.

Semanas antes do início da pandemia de coronavírus no Brasil, o mineiro recebeu a reportagem em seu apartamento no bairro de Higienópolis para falar de seu projeto "Amazônia", do presente e do futuro da fotografia, da atuação da Funai [Fundação Nacional do Índio] no governo de Jair Bolsonaro, entre outros temas.

Desde 2017, a **Folha** publica o resultado das viagens dele à floresta na série de dez reportagens fotográficas Sebastião Salgado na Amazônia. "É o maior espaço que um movimento indígena brasileiro já recebeu para as suas publicações", afirma.

A parceria com a **Folha** teve início em 1996, quando ele já era considerado um dos maiores nomes da fotografia mundial. Àquela altura, Salgado passou seis meses trabalhando com o jornal, cobrindo, entre outros assuntos, as ações do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) e a chacina de Eldorado dos Carajás (PA).

As expedições de Salgado ao maior bioma brasileiro tiveram início em 2013. Para chegar a comunidades remotas, ele viajou por terra, água e ar, e registrou os indígenas

Korubo, Ashaninka, Suruwahá, Yawanawá, Marubo, Ianomâmi, do Xingu e Zo'é.

Conta que, nessas incursões à floresta, ele se integra às comunidades e não dispõe de tratamento especial. "Nessa profissão, você tem que gostar de viajar", diz o fotógrafo. "E rede é uma cama boa em qualquer lugar. Eu tenho uma maravilhosa que levo para o mundo inteiro."

O resultado de "Amazônia", projeto concebido com Lélia, assim como todos os outros ("Trabalhadores", "Êxodos", "Gênesis" etc.), poderá ser visto em livro e exposição em 2021. A mostra passará por Paris e Roma antes de chegar a São Paulo, no Sesc Pompeia, em julho.

Nesta entrevista, também respondeu às ressalvas que costumam ser feitas ao seu trabalho. Segundo alguns críticos, ele promove uma glamourização da vida indígena.

Em virtude do centenário da **Folha**, a ser celebrado em fevereiro de 2021, o fotógrafo de 76 anos também comentou como imagina chegar aos cem. "Para não perder massa muscular, não deixo ninguém carregar as minhas malas."

Registro com celular

Imagem feita com celular não é fotografia, é um registro de comunicação. Fotografia é outra coisa, é a memória. Quando você pega as fotografias que o seu pai e a sua mãe fizeram de você pequenininho, que te levaram ali na esquina onde ainda tinha um cara que revelava o filme e copiava, aquele 'albinho' é a memória da sua vida. Você olha a foto da

sua avó, aquilo ali é fotografia, tem uma memória que isso aqui [o celular] não tem. A fotografia tem um lado, um registro, que ela é impressa, tocada, vista, vista outra vez.

Fotografia no futuro

É possível que ela desapareça porque vai se modificando. E isso não é ruim, é história. Muitas coisas desapareceram, transformaram-se em outras, é a evolução. A câmera já não é mais uma câmera fotográfica, é um híbrido: serve para cinema, para fotografia... Hoje, o fato de você trabalhar num arquivo digital facilita mexer [nas imagens].

Esse lado de uma certa pureza da fotografia está se perdendo. Fazer o que eu faço em fotografia, de entrar lá dentro da Amazônia, de atravessar a Etiópia caminhando 850 km, ninguém mais faz. Sou o único fotógrafo no planeta a fazer isso. São pedaços que desaparecem e transformam o fluxo principal. E chega uma hora que já não é mais assim.

À moda antiga

Trabalho com câmera digital, mas não sei editar no computador. O papel é essencial, tocar é essencial, ver outra vez é essencial. Recebo uma prancha de contato e edito com uma luva, marco as imagens. Com várias fotos da mesma situação, sou capaz de distinguir qual é a melhor delas. Mas guardo aquilo tudo, tenho umas 600 mil fotos impressas.

Trabalho em equipe

Dizem que o fotógrafo trabalha só. Em determinados momentos, ele está mesmo só. Mas se não for o motorista, se não for a Lélia para a gente

conceber [os projetos], se não for o laboratório, se não for a pessoa que te ajuda a editar...

É um raio criativo que passa naquele momento, você chega lá e faz, mas depois a potencialização disso tudo não é feita pelo fotógrafo. O fotógrafo participa, mas ele depende de toda uma estrutura.

Troca com as comunidades

Você tem que estar com vontade de ir mesmo. Tem que respeitar essas comunidades, achar que é importante o que você está fazendo. E tem que ter um prazer imenso em viver com as comunidades porque, na realidade, não é você mesmo que faz as fotos, são as pessoas que te dão elas de presente em função da relação que vocês mantêm.

Quando você entra numa aldeia, você é amigo de todo mundo, fica junto de manhã e à noite, ali passa a ser a sua casa.

O ser humano passou a ser um animal urbano quase. Então, você tem que gostar [de ir para o mato]. Hoje, as pessoas não têm mais a oportunidade de gostar [da natureza] porque elas não conhecem, têm medo de ir, se sentem agredidas, não conseguem enfrentar o inóspito.

Críticas à glamourização

Os indígenas [que eu registro] estão com roupa de gala mesmo porque tenho que mostrá-los em uma situação de dignidade, e não como um subproduto do mundo urbano. Quando eles estão com aquelas roupas [dos brancos], são as piores, as camisetas mais velhas, mais rasgadas. E eles põem aquela camiseta por causa do pium [borrachudo].

Quando vão caçar, vão com paramento tradicional.

Não me preocupo [com críticas por certa glamourização da fotografia que faço]. Sou tão criticado, levo tanta porrada. Cada um dá a sua opinião no que quer e pronto.

Estúdio na mata

Serei extremamente criticado quando sair esse trabalho ["Amazônia"] porque fiz muito muita foto de estúdio. Levo um estúdio que pesa 30 kg para a Amazônia e instalo debaixo das árvores. A luz é sempre natural, não sei trabalhar com luz artificial. E entra no estúdio quem quer. Eu não forço [ninguém a nada], não peço [para fotografá-los] e não posso eles. Deixo eles se arranjarem e vou fazendo o retrato deles.

Cultura indígena

Tem histórias dos movimentos indígenas no Brasil que são muito interessantes e que as pessoas não conhecem. Por exemplo, uma grande parte dos indígenas do Xingu se urbanizaram e morreram de tristeza na cidade. Porque um índio vai para a cidade e ele não fala a língua, não escreve, não lê, não é cartesiano. O sistema lógico indígena é outro.

Uma boa parte dos indígenas já foram urbanos e resolveram voltar [para as tribos]. Hoje são totalmente indígenas, é muito interessante. E a história que conhecemos dos indígenas é desses últimos decênios que estamos vivendo com eles. Mas a história já era essa 400 anos atrás.

Acidentes de trabalho

Nessa profissão você cai muito. Quando está correndo atrás de

Sebastião Salgado na Amazônia



No sobrevoo pela região da Reserva Florestal Paríma, Salgado registra o arco-íris e o sol que anunciam a interrupção das fortes chuvas

índio no mato, por exemplo. Tenho dificuldade para caminhar porque já quebrei o joelho lá nos **Ashaninka**.

Fizemos uma sessão com 22 **Ianomâmis** no Pico da Neblina, a 3 mil metros de altura. Eles desceram muito para a planície com a chegada do branco, mas são de montanha; seus deuses estão todos lá em cima. Fomos com o pajé lá em cima, escorregando naquelas pedras. E, olha, pra subir lá, ainda mais para um velhinho [risos]...Tivemos que subir com cordas. Foi lá que rompi o tendão do braço. Mas tenho massa muscular que aguenta, não tenho medo de fraquejar no meio porque se fraquejar no meio você está morto.

História de pescador

Trabalho com dois assistentes que são mateiros, o Agostinho e o Bebê. Tem uma história fantástica. O Agostinho estava com a gente nos **Suruwahá** e ficou gripado. E não pode entrar [em uma comunidade] com um cara gripado porque você pode matar a tribo inteira. E aí o Bebê foi com a gente para os **Korubo**. E ele é um pescador colossal. Uma noite, pegou um pirarucu de 52 quilos e outros peixes grandes. Ele alimentou a aldeia inteira! No dia de irmos embora, o [jornalista] Leão Serva perguntou a um líder deles o que ele gostaria de pedir ao presidente. Ele parou, pensou e disse: "Fala para ele dar para nós o Bebê" [risos].

Ajuda do Exército

Eu comprei 45 mil litros de combustível, depusitei no Exército e me deixaram voar com eles na Amazônia. É a organização que mais apoia o mo-

vimento indígena, que mais conhece a Amazônia. Quando tem um índio doente, eles levam para um hospital, fazem campanhas de vacinação que a gente nem fica sabendo. Os melhores pilotos com quem voei no mundo são do Exército brasileiro.

Você vê esse Bolsonaro e uns generais retrógrados falarem: "Temos que proteger a Amazônia, senão ela vai ser invadida"... Ninguém no planeta ousaria invadir a Amazônia! Nem o Exército americano conseguiria porque o Exército brasileiro é que conhece a Amazônia.

Militares com Bolsonaro

O Exército que está com Bolsonaro é o aposentado. Tem um livro do [escritor albanês] Ismail Kadaré que se chama "O General do Exército Morto". Bolsonaro é o general do Exército morto. É um Exército aposentado, velho, aparentado com o golpe de Estado de 1964. Os piores do Exército é que estão com o Bolsonaro. Conhecemos uma quantidade de generais operacionais lá na linha de frente [na Amazônia] que não pensam como esses caras, não.

Funai

A Funai resiste porque tem um amotecedor, os deputados e os senadores não estão permitindo que determinadas barbaridades sejam feitas. A Funai já esteve em pior situação do que agora, no golpe de 1964, por exemplo. O [ex-senador Romero] Jucá foi preso dentro da Funai!

Como a gente passou por momentos muito interessantes com a Funai durante os governos Fernando Henrique, Lula e Dilma, a gente imagina que a Funai [não irá resistir à Presi-

dência de Bolsonaro]. Na verdade, a Funai já esteve no inferno e agora ela está no purgatório, mas vai resistir. Eliminar uma instituição dessas Bolsonaro não consegue.

O Brasil, aliás, tem instituições incríveis! Foi o primeiro país do mundo a eliminar a poliomielite porque era o único capaz de vacinar toda a sua população ao mesmo tempo. A gente critica o movimento de saúde brasileiro, todo mundo dá um cacete, mas é um dos melhores sistemas de saúde do planeta porque atinge a todos [fala em tom de exclamação].

Ele [Bolsonaro] está tentando eliminar as instituições, mas não vai conseguir. É um país tão deformado, mas tudo isso vai se corrigir, tudo isso se corrige.

Cicatriz deixada por Bolsonaro

Ele vai fazer mal, vai deixar uma cicatriz, mas não vai destruir um sistema. Acho que haverá um amadurecimento [do país]. Viver esse momento é desesperador, mas também é interessante.

Às vezes, eu vejo as pessoas aqui no Brasil um pouco desesperadas com esse homem que chegou ao poder, com as tentativas de tolher as liberdades. Eu acredito na dialética como evolução. Nós estamos negando esse momento, mas isso que está aí não vai ficar. Não é que eu sou otimista, a história é assim. Foi assim no mundo. Nós vamos dar um salto.

Anos Lula

Por que não tem protestos aqui iguais aos do Chile [em 2019]? Por que tivemos 13 anos de governo do proletariado [do PT, com Lula e Dilma Rousseff]. O Lula foi o único pro-

letário do mundo que chegou ao poder. Isso é uma coisa única, os brasileiros não se dão conta!

Marx propunha tomar o poder pela força e pelo proletariado, pela revolução. No Brasil, isso chegou democraticamente. Todo o sistema social de antagonismo que podia desafiar o poder foi desmontado. E vai levar dois, três anos para começar a se montar outra vez.

Urbanização do Brasil

Fazendo o livro "Trabalhadores – Uma Arqueologia da Era Industrial" [lançado em 1993 pela Companhia das Letras], pude constatar que a palavra globalização não existia, ninguém falava disso, era realocização. Com a realocização, vi que o nosso país, que quando eu era menino tinha 92% de população rural, começou a se urbanizar de uma maneira colossal.

Todos os problemas sociais que temos são decorrentes desse acelerador de partículas em que nós fomos colocados. Olha aqui [apontando a vista do seu apartamento em São Paulo, no 20º andar]: cada janelinha, varandinha dessas recebe água encanada, eletricidade. Nós temos um sistema de organização colossal! Falamos mal dele pra chuchu, mas é superorganizado.

Canal da Mancha

Eu vou fazer um outro projeto sobre a construção do túnel entre a França e a Inglaterra. Fui o único fotógrafo que trabalhou realmente ali. Olha, possivelmente eu seja o fotógrafo da história da fotografia global que mais tenha trabalhado, fotografado. Tenho muitas fotografias.

Café

Eu não tomo café, mas eu adoro o cheiro, fiz um livro sobre o café ["Perfume de Sonho", lançado em 2015 pela editora Paisagem].

O café é muito ácido, e o meu sangue é O+, o tipo mais antigo que tem. Todos os indígenas são O+ porque são caçadores coletores, comem carne. Então, a sua digestão é muito mais ácida que um sangue B+ ou A. E quando você adiciona o café, que é superácido, aí faz um carnaval.

A história do café tão bonita. Você sabe que há em torno de 50 milhões de famílias que trabalham com café? E todos esses grãos de um bom café, de uma arábica não robusta, são coletados à mão, com os grãos separados. Então tudo isso que você tem aqui [mostra o livro] já passou pelas mãos de alguém, pelas mãos de uma família. E extremamente familiar a cultura do café.

Viver até os cem anos

Não é apenas chegar aos cem anos. É você poder, aos 76, ainda estar correndo atrás de índio na Amazônia, entende?

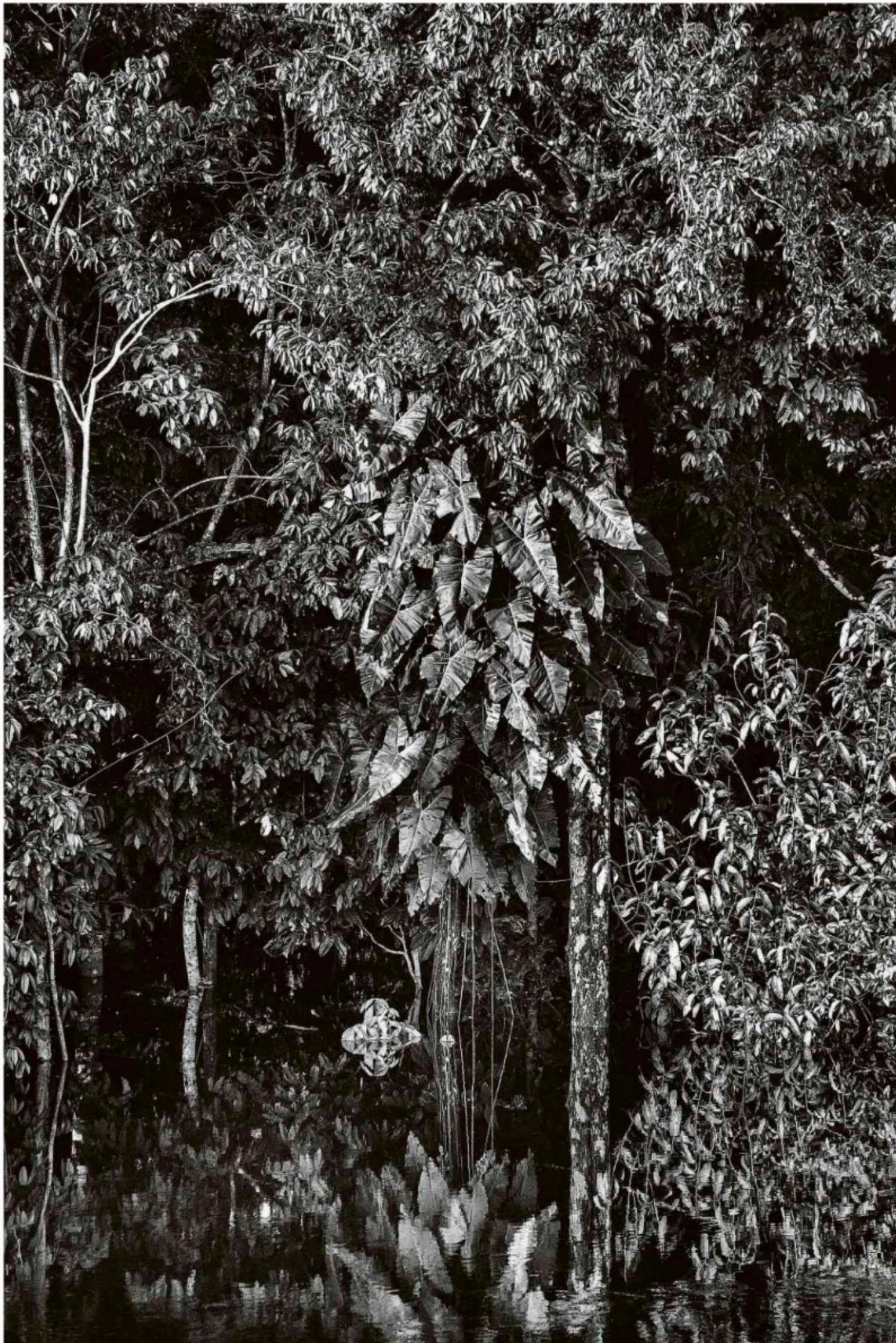
Acho que a primeira coisa a fazer é ter uma disciplina, uma higiene de vida grande. Me alimento muito bem, eu como, no mínimo, cinco tipos de fruta toda manhã, castanhas.

Não faço esporte, mas carrego o equipamento, ando muito. Para não perder massa muscular, não deixo ninguém carregar as minhas malas.

E outra coisa importante é você ter o futuro à sua frente, não deixar que seu futuro fique atrás de você. Na hora que ele passar para trás, acabou. Então você tem que ter planos, fazer coisas, correr atrás.

Sebastião Salgado na Amazônia

Durante a época das chuvas, o rio Jaú, no Parque Nacional do Jaú, no Amazonas, invade as margens e cobre parte do tronco das árvores, fenômeno que caracteriza a mata de igapó; no centro da foto, destaca-se uma Ambécoroa (*Philodendron solimoesense*), planta epífita que usa a árvore apenas como plataforma, sem ser sua parasita



“

Você tem que estar com vontade de ir mesmo, com prazer de estar lá, respeitar essas comunidades e achar importante o que você está fazendo; e tem que ter um prazer imenso de viver com elas, porque, na realidade, não é você mesmo que faz as fotos, são as pessoas que te dão elas de presente em função da relação que vocês mantêm (...) Eu tenho que mostrá-las na dignidade delas e não como um subproduto do mundo urbano

Sebastião Salgado, que registrou nesta série especial de reportagens sobre a Amazônia os indígenas Korubo, Ashaninka, Suruwahá, Yawanawá, Marubo, Ianomâmi, do Xingu e Zo'ê